

QUARTA-FEIRA
Lisboa--4 de Fevereiro de 1931

5 TOSTÕES

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

216



sempre
fi **re** **semanario**
fumorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

EPIDEMIAS...



As duas damas extremamente "angélicas" quiseram por força que o caricaturista "descansasse" trez semanas



Os ditos da semana



As pombas Lemos numa correspondencia de Veneza que, todos os dias, um empregado do municipio, conhecido pelo «homem do sacco» vai dar de comer ás pombas da Praça de S. Marcos.

Não sabemos se o homem se chama «do sacco» porque leva o milho num sacco, se porque faz «contas de sacco» com as pombas, mas isso não importa. O que interessa é saber-se que as pombas de S. Marcos tem quem lhes dê de comer, official e obrigatoriamente, ao passo que as nossas pombas do Rocio, vivem da caridade publica. E' talvez por se sentirem abandonadas que as pombas de Lisboa se revoltam e fazem ao D. Pedro quarto, o que os pardais do Camões costumam fazer aos transeuntes. Os pobres animais coitados, por não sabem nada de politica, imaginam que a Republica ainda se não proclamou e descarregam as suas fúrias sobre o bronzeo monarca.

Mas tudo neste mundo tem as suas compensações, porque, segundo a mesma noticia, as pombas de Veneza, no inverno, morrem de frio, ao passo que as nossas, vivem numa eterna primavera, porque o nosso termómetro nunca vem a baixo de zero.

Ainda havemos de perguntar a um pombo mariola que costuma pousar sobre as saliencias das sereias dos lagos, como pretere morrer — se do frio de Veneza, se da fome de Lisboa.

Carnaval Vem aí o Carnaval. Já estamos a antegosar a alegria da Avenida na proxima semana.

Só ha uma expressão, bastante plebeia, mas muito justa para exprimir com propriedade o que aquilo vai ser: —Vão se divertir *cuma burro*...

Reunião Ordinaria Alguns socios da «Associação Civica Luso-Americana», de New-Befford, resolveu que a bandeira portuguesa nunca mais fosse destraldada no seu salão.

Esta resolução foi tamada segundo constou ao «Diario de Noticias», uma reunião ordinaria. Resoluções desta natureza não podem ser tomadas senão em reuniões muito ordinarias. Está certo.

Mas que razões levariam aqueles portugueses degenerados a tão insolito procedimento? Quanto a nós, trata-

se de gente que pretende esquecer o nome da patria que, para eles, deve ser uma coisa inutil, talvez porque não lhes é possivel obter a certidão de idade dos seus progenitores, nem até talvez a sua.

Portugueses deste quilate ficam muito bem em terra estrangeira e quanto mais longe melhor. E assim nos poupam o trabalho de os mandar á America.

A sorte... O chefe da estação de Braço de Prata, teve ha dias o prazer de ver passar-lhe por cima uma locomotiva com quatro vagons, sem o esborracharem.

O caso é extraordinario mas deve ter uma explicação: ou a locomotiva o reconheceu e fez-se leve, ou ele ficou realmente esborrachado, mas guardou segredo, para manter o prestigio e a disciplina que o cargo lhe impõe.

Seja como for o caso é bastante fóra do vulgar.

Bem póde este feliz mortal, que mais parece imortal, oferecer um braço, uma perna, uma cabeça, um tronco ou um pé de cera ao santo da sua devoção.

A sorte foi tamanha que,

ainda que o braço fosse de prata, não era nada de mais.

Já se não sabe que mais admirar; se a sorte do chefe de estação, se a delicadeza da locomotiva.

Anuncios Lá vamos nós mais uma vez bater á porta do nosso fornecedor. Desta vez ha farta colheita:

Viuva

Nova, completamente livre, desejava conhecer outra senhora nas mesmas condições, que a quizesse acompanhar a uma serie de festas de Carnaval, onde ambas conservariam sempre rigoroso incognito.

E temos entendido. Viuva nova e completamente livre, deseja encontrar outra para uma serie de festas.

Aquilo de Carnaval é para distarçar.

Agora estes em serie — pergunta e resposta:

A

Um adeus a uma esperança morta! Seja, visto que assim o ordena numas linhas tão friamente justas e sensatas. Curvo-me perante a sua sentença. E' esse o meu dever, embora queira ainda abrigar uma tenue esperança de que a minha humilde obediencia

faça nascer no seu coração um sentimento de caridade a favor de quem se submete sem um murmúrio, apesar da rudeza do golpe. Tornar a vê-la com indiferença seria, porém, absolutamente impossivel. Tal nunca poderei prometer; mas, se assim ordenar, afastar-me-hei de Lisboa.

No dia seguinte, ela respondia:

A

Tudo misterio. Enquanto viver hei de amá-lo de toda a minha alma, vossos são os meus pensamentos. Nas vossas mãos me entrego e creio dizer tudo. P. esc. p. m. casa ou como entender.

Quer dizer, deu-se o dito por não dito e fizeram-se as pazes. E' melhor assim.

O final então é absolutamente elucidativo:

P. esc. p. m. casa ou como entender.

Nós traduzimos:

Peço escudos para montar casa ou como entender

Já vê o cavalheiro que não tem que afastar-se de Lisboa: pelo contrario terá que juntar os trapinhos e aproximar-se. Parabens e uma lua de mel muito doce. E não se esqueça de ser como nós — sempre fixe.

Ferrador

Precisa-se, para casa particular. Carta á R. Retrozeiros, 447, M. O.

Temos um stock de ferradores, mas não podemos, por enquanto, fornecer nenhum, porque, como ha multissimas outras casas particulares que precisam, não tomamos uma resolução sem saber quem paga melhor e dá menos coices.

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas. . . { Ano: 26\$00
Semestre: 13\$00
Trimestre: 6\$50

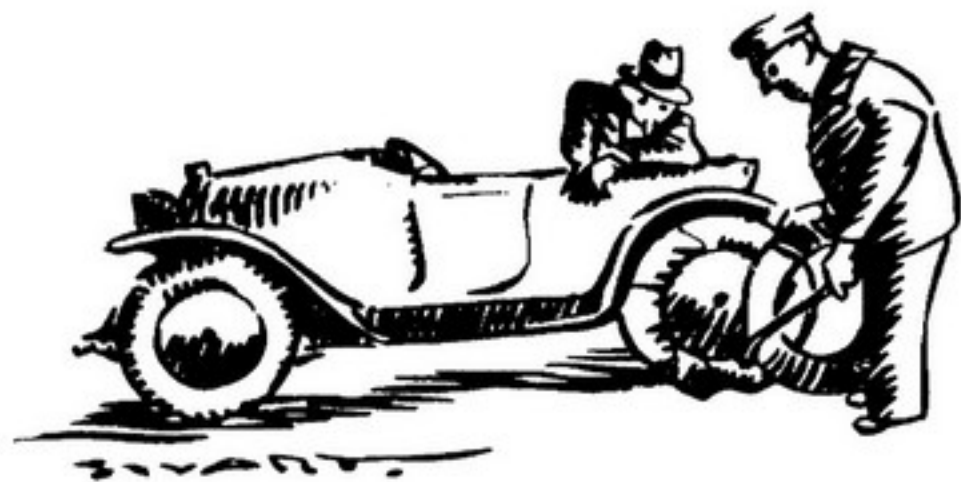
Colonias portuguezas. { Semestre: 15\$00
Ano: 30\$00
Estrangeiro. { Ano: 34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor intelligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto, agora, é por tabela.



— Deve ter-se em conta que as Severas foram recolhidas nos palacetes dos Amigos. Hoje são recolhidas para serem no palacio do Torel...



— Já é hoje o terceiro pneumático que rebenta!
— O tempo está terrível para as pneumonias!...

COISAS DE HOJE

Os "pequenos direitos" ...

Boas ou más — não se discute — Luis Pimpinela deu um dia à luz, após laborioso parto, umas quadras atiradas ao triste fado... de serem cantadas, *discadas* e grafonadas através daquela parte... do mundo onde o português, mais ou menos mascarado, é acessível ao ouvido do próximo.

Fixei um dos quadrupedes de quatro versos de sete pés cada, rezando a banalidade seguinte:

Entre tanta mulher linda,
Não encontra o meu desejo
Aquele que valha ainda
O desperdício dum beijo.

Que lhe perdõe o sexo... beijavell...

Pimpinela fez um maestrino musicou, e um cantor pegou de garganteá-la, e mais às correlativas decimas de pé inteiro que estiravam de babado goso a multidão fadofila e fadista.

E os pingues direitos de autor a pingarem quasi nocturnamente 250 gramas do moderno escudo monetário.

Pimpinela andava radiante! Até os olhos lhe fuzilavam em rádio scintilações radiosas! E' que os pequenos direitos iam avolumando num crescendo assustadoramente multi-miliorário.

Eis senão quando, ao cobrar uma esquina — operação difícil porque

as esquinas já estão todas dobradas — Pimpinela dá de cara com um garoto que, roendo beatificamente a ponta duma beata verdadeira, estribilhava:

Entre tanta mulher linda...

E precipitou-se: — «O teu nome, estado civil, profissão, morada»...

Rapou da permanente e tomou notas para auferir as notas de mais esses pequenos direitos.

Rua abaixo, ao passar de baixo duma janelinha ouviu cair-lhe nos ouvidos:

... não encontra o meu desejo...

Galgar a quatro e quatro os quatro andares de escadas, bater a compasso à aldraba da porta e repetir as perguntas supra — foi obra dum momento.

Sempre eram mais uns pequenos direitos e ele, de pequeno, sempre ouvira dizer que os muitos pequenos fazem um grande.

Seguiu ainda a sua marcha feliz. E eis que no poleiro classico, extra-janelinha dum grandioso andar de palacete abasileirado, um papagaio loiro de variadas e variadas cores, estridulava:

Aquele que valha ainda
O desperdício dum beijo...

Pulou-lhe dum salto o coração! Ele, Pimpinela, era já conhecido pelos seus versos nas cinco partes do mundo — inclusivé o papagaio! Tomou apontamento de mais este ignorado cantor de fados e aproou como seta à S. A. C. T. P., a fazer inscrever nos respectivos canchinhos mais aqueles ineditos pequenos direitos.

Um director observou:

— Caro senhor Pimpinela: olhe que só tem direito à cobrança dos pequenos direitos quando a sua letra seja exibida publicamente.

E Pimpinela exclamou pimpinicamente:

— O' senhor, inscreva, inscreva! Quer publicidade maior e mais publica que a dum garoto das ruas, duma sopeira dum quarto andar e dum papagaio real dum brasileiro rico de torna-viagem?

E o director da S. A. C. T. P., ante o argumento decisivo e tranqüilizador de Pimpinela — ouviu, sorriu, não tremeu e inscreveu silencioso...

ANTONIO AMARGO.



Uma que julga que está mascarada

Elevador da Gloria

No antiquário:
O freguês: — Mas esta mumia é autêntica?
O dono: — Absolutamente! Está tudo tão caro que, por este preço, é agora impossível fazer outra...

* * *

Casados:
Ele: — O que faremos para matar o tédio?
Ela: — Divorciemo-nos!
Ele: — E os filhos?
Ela: — Entregamo-los à minha mãe!...

* * *

A patroa, que esteve escrevendo ao noivo da criada: — Queres dizer-lhe mais alguma coisa?
Ela, muito decidida e tranqüila: — Diga-lhe que me vou embora da casa porque estou muito descontente...

* * *

Entre caçadores:
— Estive em Africa e não consegui matar um unico leão!
— Não sabes que estive ali caçando o mês passado?...

* * *

— Nunca v. uma pessoa que tenha tantas pulgas como tu!
— Não admira; estive em tua casa...

* * *

Na rua:
— Olha, vai acolá o Martins Francisco Dias!
— Porque não dizes Francisco Martins Dias?
— Eu sei que se chama assim. Mas, como o vejo de costas, digo o seu nome ao contrario...

* * *

O pai: — Se te der cinco tostões, o que fazes?
O menino: — Compro na mercearia dez tostões de caramelos e digo ao merceiro que o papá paga a diferença...

* * *

O ladrão ex: sua casa: — Feche bem as janelas?
A mulher: — Sim; fechei!
O primeiro: — Guarda bem a chave, ouviste?...

* * *

No dia 13:
— Porque arrancaste já, do almanaque, a folha do dia de hoje?
— Porque hoje é 13 e terça-feira e não quero que me suceda nada de mau...

* * *

No tabelião:
— Assine aqui!
— Não sei!
— Não faz mal! Ponha aqui: «Não sei escrever»!



— Não me dizes como hei-de evitar as insónias que tenho tido que não me deixam pregar olho?
— E' muito facil. Evitas isso comprando uma camisa de dormir.

Uma injustiça

Ha muita gente que diz Que são brutos, malcriados, Os condutores da Carris; Mas alguns ha bem civis, Bastante bem educados.

Por acaso, inda outro dia Ouvi, meus queridos leitores, Uma frase em que se via Como é grande a cortezia Dos amáveis condutores.

Num carro, cheio de gente, Como em geral sempre vão, Que ia a nove, e passou rente A um tapume existente Junto a um prédio em construção,

Diz o condutor, que ignora O que é ter instintos maus: — «Senhores: não deem agora Essas cabeças de fóra, Tenham cuidado co'os paus!»

Este caso, irrefutavel, Desmente o que ai se diz, E é prova incontavel Que o pessoal da Carris E' gente bastante amavel.

JOAO FERNANDES.

Anecdotas

Na pensão:
— Porque não te casas com a viuva do Antunes?
— Depois do que ela disse, jamais!
— O que te disse ela?
— Que não queria...

* * *

O medico: — Sinto muito em dizer-lhe que está perdido!
O doente: — Estranho muito! Tinha-me dito que acabaria no degedro!...



— Onde o senhor hospede e vende o costume de... e tempo que não o evita?
— Porque não vale ser covarde cinco minutos de que dura toda a vida!...



— Esta noite, «Os ultimos dias de Pompeia».
— De que teria morrido?
— Duma erupção, com toda a certeza.

Canção Nacional

MOTE

Quem tiver algum dinheiro e teime em pô-lo a render antes ter um migalheiro, de contrario — estás a vêr...

GLOSAS

A epidemia que grassa ha tempos a esta parte é a fórmula que com arte nos levam a rica massa... Anda meio mundo a caça p'ra dar um tiro certo, a vêr se arranja um banqueiro que prometa melhor's juros e ponha livre de apuros quem tiver algum dinheiro.

Dinheiro não vás deixá-lo a qualquer que o possa herdar... Que o ganhe quem cá ficar, por isso é melhor gastá-lo. Pôde um Banco dar um 'stalo e o parné desapar'cer, mas isto é bom de dizer porque a cegueira é tamanha, que ha sempre um parvo que o tenha e teime em pô-lo a render...

As notas falsificadas, mais as falencias culposas as emprezas ruinosas e a cautelas viciadas... Casas de cambio fechadas, onde o Zé, como um carneiro, da massa não vendo o cheiro, diz — é bem certo o rifão — «Val' mais um passaro na mão...» Antes ter um migalheiro.

Eu tenho um Banco, não nego, que acredito: os meus propositos, é a C. G. dos Depositos, que é, como quem diz — O PREGO! E' pois nele que eu delego o meu Deve e o meu Haver, que esta coisa de não ter nos bolsos nem um vintem, é um mal que vem por bem, de contrario — estás a vêr...

BARBOSA JUNIOR.
(Reporter B.)

Graça dos outros

Num escritorio:
O patrão: — O mês passado, pediu-me um dia de licença para ir ao enterro de sua avó. Como se atreve a pedir agora licença pelo mesmo facto?
O empregado: — E' que, então, a pobre senhora tinha sido enterrada viva...

* * *

— Dizes que o laringologo te levou cem mil réis pela consulta?
— E' verdade! Recomendou-me que falasse o menos possível!
— Naturalmentê, para que não protestes contra o preço da consulta...

* * *

No restaurant:
O patrão: — Porque protesta esse freguês?
O empregado: — Porque encontrou um caracol na salada!
O patrão: — Talvez seja vegetariano!...

* * *

Numa estação da Beira.
O viajante: — O comboio demora muito?
O chefe: — Nem por isso! Olhe para a linha... Já aí vem o cão do maquinista...

* * *

Previsão do tempo:
O chefe do observatorio: — Segunda-feira, chuva; terça, variavel; quarta, mau tempo; quinta, outra vez chuva...
A mulher: — Mas na quinta tenho que sair!
O chefe do observatorio: — Então, tenho que anunciar mau tempo...

* * *

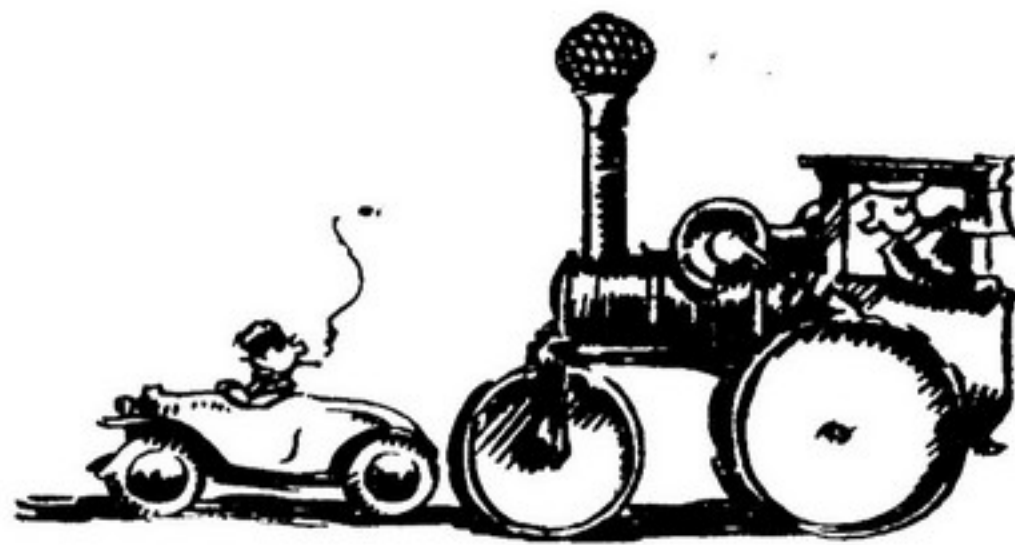
No banco:
— Está admitido, mas para desempenhar bem o seu emprego será melhor comprar uma enciclopedia!
— Não é preciso! Eu venho muito bem de electrico...

* * *

Na loja das coróas:
— Quero uma, com uma fita que diga: «A' minha sogra, descanço em paz».
— E' melhor dizer: «descança em paz».
— Não, sou eu que descanço em paz...

* * *

Na California:
O turista: — Disseram-me que, neste país, os senhores passam a vida aos tiros, mas sem consequencias, naturalmente!
O colono: — Sim! Gostamos da pólvora! Eu sou o mais velho da terra... Em Junho faço 20 anos!



— Veja se recua a sua maquina pois vou dar marcha atraz e posso avariar isso!

TAC-TAC-TAC

As orelhas do cachorro

Nihil novum sub sole, diziam os antigos, que tinham a fraca mania de só falar em latim. Não ha nada novo ao debaixo do sol! Já se sabe que o Sabá, que era um reino onde havia muitos sabios e uma rainha muito catita, usava aviões para os transportes reais; e assim foi que o filho, que ela tivera de Salomão, fugiu pelos ares para a terra da mãe, muito aflita porque o Salomão queria fazer outra experiencia da sua sabedoria, partindo o pequeno em dois pedaços e só entregando metade á que fóra sua cara idem.

* * *

Ora o que hoje lhes vou contar consta-me que já foi narrado por Lope de Vega, um colega que já morreu em Espanha ha muito tempo. Mas eu não tenho culpa de que o sr. Vega se tivesse aproveitado duma ideia que só agora me veio á cabeça; e a historia lá vai.

Virá ella a proposito de qualquer coisa? Pois se não vem a proposito, que venha a desproposito; que de despropositos andamos nós vivendo ha bastos dias.

* * *

Precisamente, era assim que ele se chamava: A. Bastos Dias. Se Armando, ou Anastacio, ninguem tinha nada com isso; que só naquella expressão comercial é que residia toda a sua potencia de bemquisto negociante de coiros e solas por atacado na rua das Taipas, 304, 1.º. Quem fóra então que o atacara em sitio tão escuro?... Pois tão sómente a Fortuna, sob as fórmulas redondas de D. Eufemia, mulher de meia-idade e de meia-tijela, que com ele se consorciara, levando-lhe o capital pingue do seu negocio, em grandes notas, senão de bom comportamento, pelo menos do Banco de Portugal.

Mas voltemos á vaca-fria que, no caso vertente, é um cachorro. D. Eufemia, já quarentona, mas de gorduras ardentes, tinha um amante: o servente do talho fronteiro, o qual só de noite podia livrar-se ás folestrias do amor sereno de sua amante.
A. Bastos Dias tinha um vicio: a caça. Não que fosse caçador atirador, mas prezava o traje respectivo, o ar nobre do porte da es-

copeta e um pequeno galgo, que tanto estimava que o fazia dormir no seu proprio quarto, ao pé da cama.

Imaginou a matrona matreira o seguinte expediente para poder gozar sem perigo os ardores do joven cortador. Escondê-lo-ia atrá de uma cortina que ficava á beira da cama, do lado em que ella dormia. E, para prevenir o caso do marido despertar do seu pesado sono de caçador por algum ruido insolito, ofereceu umas luvas ao seu amante, aconselhando-o, cu.dadosa:

— Se, por acaso, o A. Bastos Dias acordar com o barulho que por acaso façamos, o meu menino agita as luvas, batendo-as uma de encontro á outra, para que ele julgue que é o cachorro que bate as orelhas.

O rapaz do talho guardou as luvas e prometeu cumprir.

A' meia noite, sem se poder conter, o cortador soltou um grande gemido rouco e equivoco. A. Bastos Dias, acordando, sobressaltado, griou numa voz tronitroante:

— Quem está aí?...

E, logo, o cortador batendo as luvas com força:

— E' o cachorro do sr. Dias que está aqui escondido atraz da cortina.

CIRANO DE VELHOFRAC.

Carnaval da Vida



Uma que julga que não está mascarada



— Porque estás com a boca fechada...

Por causa da gripe

A D. Vicência era uma mãe estremosa em absoluto pelo seu querido filho. Sempre mil cuidados, o melhor bocado do jantar era para ele, a roupinha sempre muito bem arranjada, etc., etc. O malandrão do filho não sabia agradecer aqueles carinhos de mãe estremosa e levava uma vida que não é bem aquela que manda a boa e sã moral que é de uso utilizar-se no nosso país.

A gripe, e para que se não ande constantemente a dizer que este clima é um brinquinho, veio deabalada até ao nosso país e assentou por cá arraiais, obrigando metade da população a recolher à cama.

Como se sabe, toda a gente toma mil precauções para não apanhar a gripe. São camisolas de lã, sobretudos, gemadas, rebuçados, etc.

A pobre D. Vicência, assim que soube que a gripe andava a promover pessoas à invejável categoria de doentes, assustou-se imenso por causa do seu filhinho muito amado. E eram mil recomendações, mil cuidados, mas o senhor menino é que, não fazendo caso nenhum expunha-se à gripe com uma semcerimonia que era de fazer espantar a própria gripe. Saía todas as noites, ia para a parodia, nunca se queria agasalhar, enfim, nunca fazia caso dos sábios conselhos de sua bondosa mãe.

Como era de prevêr, o menino começou a ter uma tosesinha, a dar volta e meia o seu espirrosito.

A mãe, coitada, continuava todas as noites a recomendar-lhe, com aquela voz meio zangada, meio doce, que todas as mães usam.

— O' filho, não saias de noite. Podes apanhar qualquer coisa. Tu não vês como as noites estão más? Toma cuidado.

Mas para o menino era como se ninguém falasse. Continuava a sair todas as noites.

Ora, uma noite, ia o cavalheiro, muito despreocupado, atravessando a Avenida, quando um automóvel, à falta de um gripe, o colheu. Veio muito povo acudir-lhe e, como os ferimentos não eram de pensado, recolheu a casa. Ao entrar, sua mãe veio recebê-lo e, depois de ele lhe ter dito, com uma voz muito sumida, que tinha ficado debaixo dum automóvel, a pobre senhora só teve animo para lhe dizer.

— Eu nao te disse, meu filho, que não saisses porque as noites estavam más!...

FERNANDO D'AVILA.

NAMOROS...

Os trez... retratos de Sofia

Mario e Sofia eram dois jovens de temperamentos perfeitamente diferentes. Ele, bastante ingenuo e romantico, podia comparar-se com Paulo que Saint Pierre immortalizou num dos seus romances. Ela, muito frivola e inconstante, igualava-se à Leviana que Antonio Ferro descreve num dos seus livros.

Encontraram-se uma tarde num salão de chá.

Mario, que até então não costumava frequentar essas reuniões mundanas, ficou encantado com a beleza extasiante da pequena e julgou encontrar em Sofia a mulher ideal que viesse mais tarde a fazer a felicidade do seu lar conjugal.

Depois dum ameno *flirt* sem consequências de maior, abandonaram o salão, e Mario, ainda estonteado pelos perfumes inebriantes que o circundavam, fez timidamente a declaração do seu amor angelico e puro a Sofia. Esta, cansada de ouvir a outros homens quasi sempre as mesmas palavras, escutou as de Mario sem a sua habitual indiferença porque pareceu-lhe que aquele rapaz lhe falava com uma certa sinceridade a que não estava habituada.

Não permitiu, porém, o seu caracter leviano que ela mantivesse por muito tempo essa impressão benevola acerca do rapaz, não tardando a julgá-lo como os outros e a classificar as suas frases como plagiadas a um ou outro poeta barato de trazer por casa. Apesar disso, o namoro prosseguiu e Mario viu-se na contingencia de ir todos os dias fazer um grande frete para os lados das Avenidas Novas. Morando a pequena num quinto andar, ele, para a poder vêr, tinha que se utilizar duma lente de grande alcance, e para lhe poder falar servia-se duma instalação que rivaliza com a T. S. F. mas da qual não tirou patente por falta de lécas.

Assim decorreram meses sem nenhum precalço de maior até que numa noite em que os dois jovens enamorados davam largas à sua fantasia, architectando quimericos projectos, uma creada do terceiro andar chegou à janela para regar os cravos do patrão e, inadvertidamente, despejou um regador de agua sobre o pobre rapaz.

Mario, perante aquele inesperado banho gelado, teve a illusão de que ia a atravessar o canal da Mancha com a pequena; porém, como seu pai tinha o apelido de Pelxe, ele sabia nadar optimamente, atingindo ser a dificuldade o

guarda-roupa mais proximo, onde mudou de indumentaria.

Desde então, Sofia não permitiu que Mario falasse mais da rua, consentindo que ele lhe entrasse em casa. Foi recebido no patamar pela sua futura sogra que, como um reptil venenoso, o remiro: da cabeça até aos pés, ao mesmo tempo que segurava com uma das mãos a tranca da porta. Parecia dizer ao rapaz que, se não tivesse juizo, o faria descer as escadas mais depressa de que o elevador chega ao patamar.

Ao fim dum ano, Mario já tinha todas as liberdades em casa da sua namorada e, como descendente do «Mete-o-nariz-em-tudo», conseguiu até cheirar o caixote do gato.

Numa tarde em que os diários anunciaram um eclipse total do astro-rei, os dois namorados encontravam-se completamente sósinhos na sala de jantar e o silencio entre os dois, que até certa altura só era perturbado pelo tic-tac suave dum relógio, foi quebrado por Mario que, envolvendo Sofia nos seus braços, acariciou os seus sedosos cabelos de ébano, afagou as suas lindas mãos aveludadas e cingindo-a ternamente com mais força de encontro ao peito, deu-lhe um beijo... outro... etc... pontinhos, pedindo-lhe um dos seus retratos.

— Com muito gosto! Numa das gavetas desse movel, — e apontou para o aparador — devem encontrar-se três fotografias minhas. Uma delas, em que me apresento vestida de espanhola, foi tirada em Sevilha, por occasião do Carnaval. A outra representa um instantâneo na Serra da Estrela. Sentada no cume mas elevado do monte, eu olhava a natureza de variegada policromia. E, finalmente, o terceiro deve-o a um photographo de elegancias que um dia me kodakizou na praia de Algés.

Mario, sem largar a pequena dos braços, abriu uma das gavetas indicadas e começou procurando os retratos.

Depois de algumas pesquisas inúteis, encontrou um envelope no qual julgou que eles se encontravam.

— Filha! Se os encontrar, tu deixas-me levar os três retratos?

— Queridinho! Tenho muita peque já não posso dar-t'os porque m'os roubaram...

M. BENAVENTE.

Um homem de sorte

Bastas vezes o meu amigo Evaristo me tem falado dum irmão seu, citando-me com manifesta inveja as rajadas de sorte que o têm bafejado. E vem á conversa a lista inte minavel dos factos que colocam o mano na categoria dos homens felizes, com bastante magua do Evaristo, que se confessa na vida dum desprotegido da fortuna.

— Imagine que o meu irmão arranjou um casamento rico!

— Calcule! O meu mano descobriu uma nascente de cerveja preta!

— Já sabe? Morreu a sogra do meu irmão!

E sempre, a completar, a sacramental frase: — Aquilo é que é um homem com sorte!

E eu, que sabia que o Evaristo tinha arranjado uma mulher pobrissima, não tinha descoberto uma nascente nem de pirolitos e tinha a sogra viva, tinha intimamente muita pena daquele infeliz, se bem que por vezes tentasse consolá-lo da sorte do irmão.

Encontrei ontem o Evaristo de luto e temi ao pensar que catastrophe teria enlutado aquele coração independente com «aorta» para a escada, aquela alma diamantina em que a desgraça abusivamente se instalara.

— De luto, Evaristo? — perguntei a medo.

— E' verdade! — respondeu o meu infeliz amigo. Lembras-te daquelle meu irmão que tinha muita sorte?

— Perfeitamente!
— Imagina que ele tinha feito um seguro de vida a favor da mulher, no valor de 200 contos. A Companhia onde ele o tinha feito faliu a semana passada...

— Sim, e depois? Não comprehendo!

— Pois imagina que ele teve tanta sorte que morreu cinco dias antes da Companhia falir!

Desta vez, mesmo sem querer, tive que concordar com o Evaristo. O irmão era realmente um homem com muita sorte!

ANIBAL NAZARÉ.

BARBEIE-SE COM LAMINAS



As de mais fina tempera

MARAVILHAS E MONUMENTOS

DE

LISBOA



Os jardins suspensos da Estefania



O colosso de rodas



O farol de Alexandre Herouliano

Por ares e ventos...

Pois, é verdade. O reporter do *Sempre Fixe* meteu butes dentro das cabines do *Do-X*, por extrema gentileza do cara-unhaca Cudell.

Assim que chegámos á gigantesca aeronave, procedia-se, na cabine do comando, aos preparativos da largada.

Quem mais está atento ás manobras é o comandante Mauricio de Oliveira.

Tudo bisbilhotou, em todo o buraco meteu o nariz, para não desmentir a sua posição no *cêsto de gavela*, do *Diário de Lisboa*.

Ele é o camarada Alexandre, mais conhecido pelo Gomes de Sousa, fiscal dos aviadores, ali na rua do Ouro, proximo de Santa Justa, e jornalista imposto na *Republica*, onde é um *gralha* de alto coturno!

Que me contradiga o respectivo administrador, se é capaz!...

Afinam-se os motores; o lobo dos ares—germanicamente falando—á vista desarmada, consegue vêr o que os outros não vêem...

Emfim: ha vôo em maré de sorte—e neblina nos olhares interrogativos dos convidados.

Cifka Duarte, que foi sempre por Dumont cognominado de *Homem passaro*, não falta ás experiencias do *passarão Do-X*—que foi para ele uma nova gaiola. Não cantou, ma; exultou de alegria ao ouvir roncuar os doze potentes motores.

E' nesta altura que o representante do *Fixe* se bate, ao bater das azas do hidro, com um *Porto velho* de encher o olho da Providencia—por ares já muito navegados!

Estamos a 800 metros de altura. Cá em baixo, na pequena coisa terrena, Lisboa até parece um amontoado de pedras por santificar... Até se sente qualquer falta no olhar nostalgico de D. Pedro IV...

Um mar de brancas nuvens envolve o aparelho—e nós pensamos nas plumbeas nuvens que nos tolham os passos antes de chegar á Praça da Figueira!

A visibilidade aqui é completa. Tudo se vê a olho nú—até a subida do Marquês de Pombal para o pedestal! Rima e bate certo.

Durante hora e meia voamos sobre as duas margens do Tejo, sempre a *depenicar* nos copos, porque, á vista desarmada, iamso vendo, sem querer, os *Prazeres* e o *Alto de S. João*.

E como para dissipar tristezas não ha nada como o vinho—o *Porto* foi abundantemente servido por um gentil alemão. Não faltaram, claro está, os estalinhos na bôca, que são sempre mais suaves do que os seus congeneres carnavalescos.....

Lá de cima todas as cosas pareciam diminutas, inclusivé o preço do bacalhau. Todavia,—ó Pai da Vida! ó Fiel Amigo!—quando da *amarissage*, a decepção foi cruel: tudo, tudo pela *Hora da Morte*—um filme sonoro que tem produzido grande sensação no meio gastronomico lisboeta.

E ainda, por cima, os convidados foram *filmados*, para não haver descontentamento.

O desportista Sequeira que *bote* fala... Ficou mesmo *Sheilado* de todo... Quería ir no *Do-X* e *Dioinrou-se*...

Oh! que passarões!

IVINHO.

DESSPORTOS

O último abencerragem do nosso foot-ball

Sanches Navarro, doutor,
E perpetuo presidente
Do congresso da borracha.
A presidir é um amor.
Faz gargalhar toda a gente
Co'a sua infinda laracha.

O Candido de Oliveira
Passará a vida inteira
Sem que ele lhe acerte co'o nome.
Chama-lhe Reis, Figueiredo.
E o Candido diz a medo:
—Vocencia, doutor, chamou-me?

Mas discordo inteiramente
Do Ribeirinho da Costa
Que passa a vida a atacá-lo.

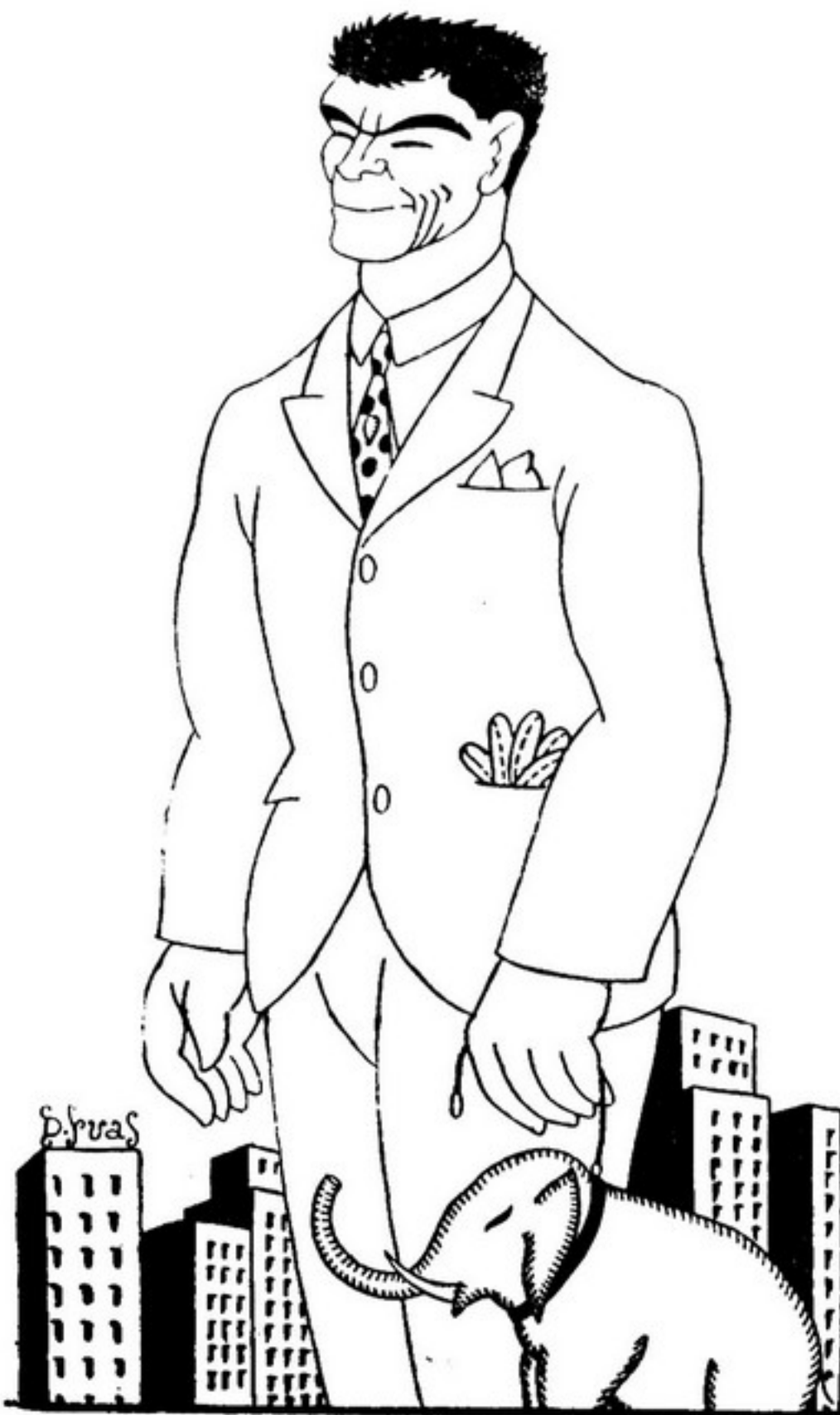
—O' Julio! Sé mais prudente.
Ele fala? Não dês resposta.
Ele é esquecido? Deixá-lo.

Esqueceu a acta? Está bem.
Aquilo tambem não serve
P'ra se pensar com acento.
Mas concordemos tambem
Que o doutor tem muita verve.
Com tão grande esquecimento.

Ao presidente da mesa
A vida deixai correr.
Que não ha outro processo.
Pois tenho quasi a certeza
Que ele 'inda se ha de esquecer
De presidir ao congresso.

ZÉ MARIA.

Santa Camarão



José Santa tem honrado o nome português e esmurrado os narizes dos estrangeiros, na terra dos «arranha-céus», apesar de lhe faltar o apoio daquele clamor que é a sua «mascotte»:
—Dá-lhe agora, «Camarão»!

Prosa de Cha-Velho

Para o viajante exotico que passa por Portugal ou por Espanha, não ha melhor recordação que um par de bandarilhas, daqueles que: esportos vendedores fornecem e que eles, nos seus países, depois exibem com acompanhamento de fantásticas façanhas á Tartarin, mas com touros praticadas.

Em Lisboa existe ainda um vendedor de bandarilhas que chega a vender dezenas sempre que por nós passa excursão ou esquadra estrangeira.

Em cidades de apurada exploração do turismo, como Sevilha, são estas manias favorecidas e aproveitadas com fotografias onde ao cliente se fornece a indumentaria taurina e *fundos* aproximadamente proprios e bastante pitorescos.

E não ha alemão ou inglês que, com uma dúzia de laranjas, não leve de Sevilha uma fotografia vestido de toureiro e fazendo «el paseo» numa praça de pano pintado.

Agora, contam os jornais espanhóis que o empresario do encontro Carnera-Uzcudun, em Barcelona, ficou mais uns dias nesta cidade para se fazer fotografar vestido de toureiro e em plena praça, dando a impressão de ter toureado e até de morto um touro. Para tal contratou o valente empresario dois «malétas» que se prestaram a acompanhá-lo, e até um «espada»—o catalão «Pedrucho»—para matar o touro que depois foi fotografado aos pés do falso matador, radiante e triunfante...

O pior é que a praça estava vazia de espectadores, deixando mal parados os creditos do «matador» quando este na sua terra exhibir as provas da sua provada valentia...

Esta ideia do imaginativo empresario de «box» recorda-nos uma outra que o falecido embaixador norte-americano Tomás Birch, pôs em pratica na cidade de Lisboa.

Para enviar ao seu intimo amigo Wilson, o presidente tambem falecido, fez-se o simpatico Tomás Birch fotografar vestido de toureiro e agarrando pelas hastes um touro, cujo corpo não aparecia na fotografia.

Tratava-se, bem entendido, de uma cabeça de touro... embalsamada.

PEREZ LA CHAISE.

Sortes grandes ?

só o PINA as vende

75 - Rua de S. Paulo - 77

Quereis dinheiro ?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 - LISBOA

Sempre sortes grandes

Lama Amanhã

Trabalhamos de joias

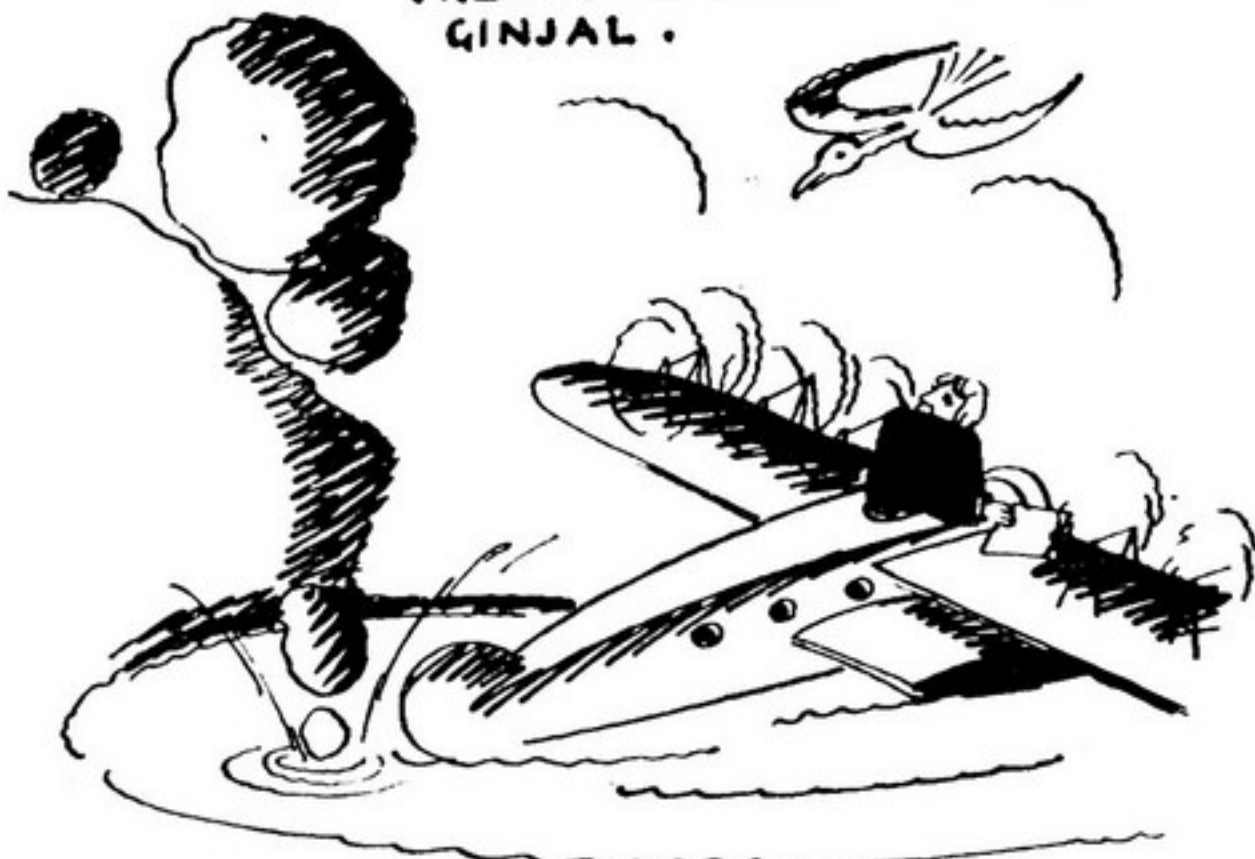
JOALHARIA MORAIS, Rua Nova do Almada, 98 e 54 Tel. 2 7662

Lama Amanhã

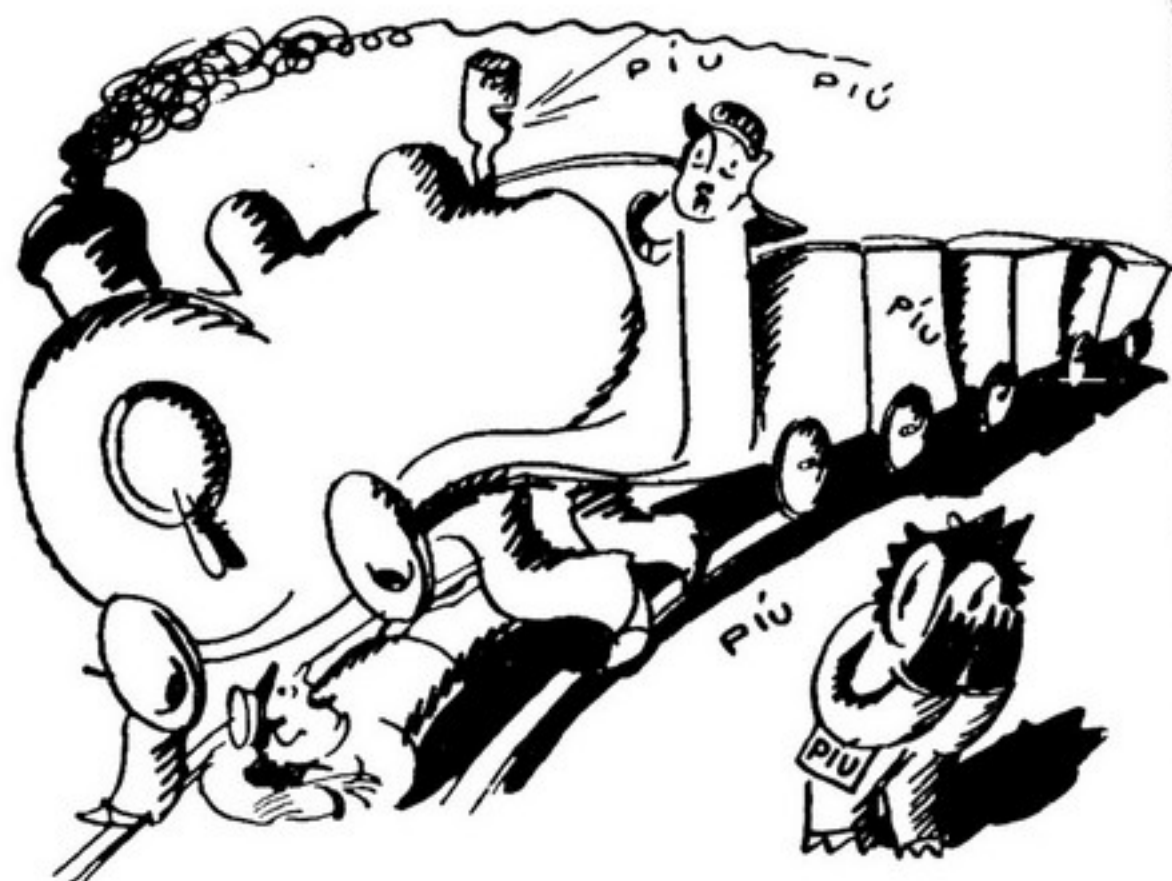
LAMA

ECOS DA SEMANA

FOI TAL O ARRANQUE AO DESCOLAR QUE A ATMOSFERA TREMEU E DESCOLOU-SE O QINJAL.



NÃO FOI SEM UMA CERTA DIFICULDADE, QUE A MAQUINA DEIXOU O CHEFE DE BRACO DE PRATA INTUBIRINHO



PARA FAZER SUBIR NÃO HA QUE CHEGUE AO VINHO DE TORRES QUE POR ISSO VAI SER USADO NA AVIAÇÃO



MATARAM O 'DIABO EM CASA' DO RAMADA COM UM FERRO-CURTO, QUE PARECE, JUROU VINGAR-SE PREGANDO UMA NOVA PESA.



'TONY' FAZIA EXPRESSÕES DE WATER 'CLOSE' NAS PASSAGENS MAIS INTIMAS...

... E 'EMILE PASSANI' ESTEVE MUITO A VONTADE NO 'DABLIUSSY' - DEUS OS FEZ DEUS OS JUNTOU.



DE PRAGA E BUDAPESTE (E ELA NÃO É PESTE) VEEM MAIS ESTES AJUDAR A PRAGA DA PEDINCHA



... AOS 2015 TALENTOS ... ESTE L I O ...

REBUS CHABIER

ACABOU-SE A ...